



## O PÓS-MODERNISMO, LYOTARD E A HISTÓRIA: A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E UMA TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO AO FAZER HISTORIOGRÁFICO

Carolina Coelho Fortes\*

Universidade Federal Fluminense – UFF/Goytacazes

[carolinafor@gmail.com](mailto:carolinafor@gmail.com)

**RESUMO:** Muito se debateu, e ainda se debate, sobre as contribuições das teorias pós-modernas à História. Buscaremos, neste artigo, situar o contexto de surgimento e as definições dadas ao conjunto dessas teorias, no intuito de analisar a obra *A Condição Pós-Moderna*, de Jean-François Lyotard. Esta análise verificará tanto as ideias centrais do autor sobre os saberes, quanto os diálogos que estabelece com outros pensadores. Embora considerada por muitos estudiosos uma obra datada, tendo sido alvo de duras críticas, nosso principal objetivo é perceber em que medida seus postulados podem se aplicar ao fazer historiográfico. Objetivamos igualmente demonstrar que muito das críticas voltadas ao dito paradigma pós-moderno não se aplicam às ideias de Lyotard, bem como estas se conciliam de maneira enriquecedora e crítica ao saber histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-Modernismo – Jean-François Lyotard – Historiografia

## THE POSTMODERNISM, LYOTARD AND HISTORY: THE POSTMODERN CONDITION AND A ATTEMPT OF APPROACH OF HISTORIOGRAPHICAL WORK

**ABSTRACT:** Much has been discussed and there is still debate about the contributions of postmodern theories to history. We intend, in this article, to situate the context of emergence and the definitions given to these theories in order to analyze the book *The Postmodern Condition*, by Jean-François Lyotard. This analysis verifies both the author's central ideas about knowledge, as the dialogues he establishes with other thinkers. Although considered by many scholars a dated work, having been the target of harsh criticism, our main objective is to realize the extent to which its principles can apply to History writing. We aim also to demonstrate that much of the criticism directed to the said "postmodern paradigm" does not apply to the ideas of Lyotard, as well as these ideas can be reconciled in enriching and critical ways to historical knowledge.

**KEYWORDS:** Postmodernism – Jean-François Lyotard – Historiography

---

\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes.

Retomaremos neste artigo uma obra já datada e intensamente criticada, **A Condição Pós-Moderna**, de Jean-François Lyotard, lançada originalmente em 1979. Pretendemos analisá-la naquilo que ela propôs sobre a transformação dos saberes no mundo contemporâneo para sondar que contribuições esta pode ainda conferir ao fazer historiográfico. Para tanto, acreditamos necessário efetuar uma breve discussão sobre o que se considerou ser o pós-modernismo, situando-o em seu contexto de surgimento.

## O CONTEXTO DE SURGIMENTO DO PÓS-MODERNISMO

Uma das características do chamado paradigma pós-moderno é a noção de que a História se confunde com a Literatura, sendo, portanto, narrativa. Apesar disso, ou justamente por isso, optamos, à maneira de introdução, por empreender um relato, até certo ponto narrativo, das condições que possibilitaram o surgimento desta linha de pensamento (levando em conta que ela é múltipla, e não um todo homogêneo). Esse relato, claro, tem várias versões, que enfatizam aspectos diferentes desse surgimento, conforme os que o constroem são contra ou a favor daquilo que surgiu. Tentaremos, na medida do possível, dar espaço para ambas as interpretações.

De forma geral, situa-se o surgimento “definitivo” de um pensamento pós-moderno na década de 1960.<sup>1</sup> Os principais embates nesse sentido, no entanto, dizem respeito à novidade desse pensamento e à sua filiação, confirmação e posicionamento acrítico em relação ao capitalismo. Oscila-se entre uma explicação que toma por base a ideia de “novo tempo”, e conseqüentemente, de adaptação às novas realidades; e uma análise que tende para a crítica dessa ideia de novo, vinculada a uma noção de que o pós-modernismo seria uma maneira de justificar e consolidar uma nova fase do capitalismo, utilizando-se para isso de ideias já dadas por pensadores anteriores, como Nietzsche, e uma nova leva de teóricos formados pela desilusão com as lutas políticas de massa.

---

<sup>1</sup> Para o caso da História, para ficarmos apenas com exemplos de debates já levantados em periódicos brasileiros, autores como Iggers e Roiz situam a presença das ideias pós-modernas apenas a partir da década de 1990. Cf. IGGERS, Georg. Desafios do Século XXI à historiografia. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 4, p. 105-124, mar. 2010; ROIZ, Diogo da Silva. O Ofício de Historiador: entre a “ciência histórica” e a “arte narrativa. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 4, p. 255-278, mar. 2010.

Por exemplo, o grande e já saudoso historiador Ciro Cardoso atribui a ascensão do pós-modernismo à desilusão da geração de 68 com o desdobramento de suas lutas.<sup>2</sup> Enquanto Jenkins acredita que o fracasso do tema comunista – a abolição da propriedade é a autêntica liberdade – levou a uma desconstrução do seu potencial, assim como a sua intenção universalista mostrou-se inadequada ao surgimento de variantes regionais.<sup>3</sup>

O capitalismo ocidental, por outro lado, deparando-se com as duas Grandes Guerras, as crises econômicas, o fascismo, o nazismo, as críticas feitas ao capitalismo por pensadores como Gramsci e Althusser, o feminismo etc., enfrentou a demolição das últimas teorias que fundamentavam a ideia de progresso liberal, de crença otimista na racionalidade do homem. Para se valorizar – ou revalorizar – o capitalismo recorreu às forças de mercado. Mas essa aposta no “nexo monetário”, na escolha do consumidor, trouxe para primeiro plano o relativismo e o pragmatismo. O valor dos bens não é intrínseco, mas residem naquilo pelo que podem ser trocados. Nesta sociedade, também as pessoas “[...] assumem o aspecto de objetos, encontrando seu valor em relações externas a si mesmas”.<sup>4</sup>

A moralidade privada e pública também se transforma; a ética se torna personalizada e narcisista, sendo relativa e livre de regras. “Nenhum absoluto moral transcende o cotidiano”.<sup>5</sup> É claro que as práticas epistemológicas serão igualmente afetadas pelo relativismo e ceticismo. Temos agora apenas paradigmas, posições, perspectivas, modelos, ângulos. “Os objetos de conhecimento parecem elaborar-se arbitrariamente, reunidos à maneira de colagem”.<sup>6</sup>

Diante desse estado de coisas, os centros se decompõem e as metanarrativas parecem inverossímeis. O pós-modernismo é a expressão geral dessa situação. Percebamos, então, que esse “relato de fundação” é já uma definição dos postulados gerais do pós-modernismo, pois ambos se confundem, uma vez que o termo serve tanto

---

<sup>2</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas Rivais. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 17.

<sup>3</sup> JENKINS, Keith. **Refiguring History**: new thoughts on an old discipline. Londres: Routledge, 2003.

<sup>4</sup> Id. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 97.

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Ibid., p. 98.

para designar um período histórico quanto se referir a uma “nova” posição epistemológica que vem a reboque deste.

Este, no entanto, não é um movimento unificado, não é uma tendência associada à esquerda, ou direita, ou centro, nem resultado da dor de cotovelo de intelectuais parisienses pós-68, pelo menos para Jenkins. Ele defende que pensadores provenientes de diferentes grupos sociais e de diferentes disciplinas (Nietzsche, Freud, Saussure, Wittgenstein, Althusser, Foucault, Derrida)<sup>7</sup> precisaram reavaliar, em seus discursos específicos, as bases de suas posições diante de transformações socioeconômicas, políticas e culturais. Essas reavaliações, embora conduzidas de formas diversas e com diferentes finalidades, chegaram às mesmas conclusões: não era possível construir uma fundamentação. Desta forma, o ceticismo e o niilismo são o pressuposto intelectual do nosso tempo.

### ALGUMAS IDEIAS E DEFINIÇÕES<sup>8</sup>

Juntamente ao pós-modernismo do estilo de vida e da escolha do consumidor existe, necessariamente, outro pós-modernismo: o da desregularização, dispersão e ruptura enquanto as seguranças da tradição e da comunidade são continuamente esmagadas. Entre esses dois extremos contemporâneos, existe um conflito que ameaça a estabilidade dos dois. O papel do pensador pós-moderno, segundo Malpas, deve ser explorar e questionar essa situação.<sup>9</sup>

Em nossa vida cotidiana esperamos senso comum e acessibilidade. Da perspectiva da razão científica ou da lógica filosófica, clareza e precisão devem ser os objetivos do pensamento. Mas o pós-modernismo, ao contrário, com frequência tenta alcançar o que escapa a esses processos de definição e celebra o que resiste ou rompe com eles. Por conta disso, definir o pós-moderno não é tarefa fácil. Inclusive porque,

---

<sup>7</sup> Wood, no entanto, aponta que um dos motivos pelo qual, para a esquerda, o pós-modernismo é tão combatido e perigoso, é o fato de que acolhe dentro deste denominação tanto esquerdistas radicais quanto partidários da direita. Por exemplo, Wittgenstein associou-se ao nazismo e Lyotard era marxista. WOOD, Ellen. O que é a agenda pós-modernista? In: WOOD, Ellen; FOSTER, John. (Orgs.). **Em Defesa da História**. Marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

<sup>8</sup> Boa parte do que se expõe neste item baseia-se em três obras, tomadas como referência: MALPAS, Simon. **The post-modern**. Routledge: Londres, 2005; SIM, Stuart. (Ed.). **The Routledge Companion to Postmodernism**. London: Routledge, 2001; e BERTENS, Hans. **The Idea of the Postmodern**. Londres: Routledge, 1995.

<sup>9</sup> MALPAS, 2005, op. cit., p. 3.

aparentemente, não há uma definição, mas várias. Há pouco consenso entre seus muitos adeptos e detratores sobre o que seria o pós-moderno, a que aspectos da cultura, pensamento e sociedade ele se relaciona, e como este pode mostrar formas de entender o mundo atual.<sup>10</sup> Muito foi trazido para a discussão. Debates e, com frequência, argumentos furiosos que tentaram determinar do que trata o pós-modernismo e a pós-modernidade. Alguns críticos celebram-no como um período de alegre liberdade marcado pela “escolha do consumidor”, outros o entendem como uma cultura que saiu dos trilhos enquanto comunidades ao redor do mundo têm suas tradições obliteradas pela difusão do capitalismo. Para outros, ainda, suas complexas teorias e produções culturais marcam a ruptura com qualquer envolvimento com o mundo real.

Essa pluralidade de visões tornou-se crucial para o sentido que o termo pós-moderno tem hoje. É importante, para entendê-lo, ao menos parcialmente, que se leve em consideração tanto sua natureza multifacetada quanto sua propensão a levantar debates entre as várias partes envolvidas em sua definição.

Para muitos, portanto, a mera menção à palavra pós-modernismo evoca ideias de fratura, fragmentação, indeterminação e pluralidade, sendo todas, de fato, conceitos-chave do pós-moderno. Antes de definirmos tais noções (com base, principalmente, no pensamento de Lyotard) é importante que se reconheça que a pós-modernidade é, em si, um discurso fraturado e fragmentário, por isso a escolha da análise de um autor específico. Embora muitos dos movimentos que passaram a ser chamados de pós-modernos tenham surgido ainda nas décadas de 1950 e 1960, foi entre o fim da década de 1970 e o início dos anos 1990, que os termos pós-modernismo e pós-modernidade se tornaram comuns mundo afora, mas especialmente na Europa e nos Estados Unidos.<sup>11</sup>

Porque foram tomadas como palavras-chave para definir o “espírito dos tempos” pela mídia, assim como por várias disciplinas acadêmicas, as múltiplas análises e relatos a seu respeito são irredutíveis à linguagem de uma área específica ou a uma forma de pensamento particular.<sup>12</sup> De fato, uma das suas características mais radicais é a

---

<sup>10</sup> Embora nosso objeto de estudo mais constante, que motivou a necessidade da discussão aqui apresentada, não seja a atualidade, mas aspectos do “distante” século XIII, a ciência que dará acesso a esse passado é contemporânea. Assim, acreditamos justificar a necessidade em definir as formas de olhar para esse passado.

<sup>11</sup> SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é Pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

<sup>12</sup> EDGAR, Andrew; SEDWICK, Peter. (Eds.). **Teoria Cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 254.

forma na qual, durante as últimas décadas, o pós-modernismo derrubou as fronteiras entre várias disciplinas acadêmicas, levando-as a novas formas de colaboração ou conflito.<sup>13</sup> Cada disciplina estabelece seus próprios sentidos de pós-modernidade e pós-modernismo a partir de debates dentro das suas respectivas áreas. Mesmo depois do frenesi da mídia sobre o pós-modernismo, pela metade dos anos 1990, as discussões dentro dessas disciplinas continuaram, e levaram a uma variedade de pós-modernismos construídos diferentemente. Nessa complexa mistura de ideias e movimentos, é impossível gerar concordância entre críticos sobre o que o pós-modernismo e a pós-modernidade possam ser.

Como meio de pensar o mundo contemporâneo, o pós-moderno já foi definido de várias formas: como uma nova formação estética;<sup>14</sup> uma condição;<sup>15</sup> uma cultura;<sup>16</sup> um dominante cultural;<sup>17</sup> um grupo de movimentos artísticos que empregam um modo paródico de representação autoconsciente;<sup>18</sup> um período em que atingimos o fim da história;<sup>19</sup> uma ilusão;<sup>20</sup> uma formação política reacionária;<sup>21</sup> um estado de coisas do mundo supostamente novo e teorias e posturas culturais relativas a essas coisas;<sup>22</sup> um infeliz engano;<sup>23</sup> uma doença<sup>24</sup> ou simplesmente pura asneira.<sup>25</sup> Todos os autores

<sup>13</sup> No caso da História, um dos exemplos mais emblemáticos dessa realidade são as inter-relações com a Literatura.

<sup>14</sup> HASSAN, Ihab. **The Dismemberment of Orpheus: Toward a Postmodern Literature**. New York: Oxford University Press, 1982.

<sup>15</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

<sup>16</sup> CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2000.

<sup>17</sup> Entre outras definições, dispersas na coletânea de artigos *A Virada Cultural*. Cf. JAMESON, Fredric. **A Virada Cultural: reflexões sobre o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>18</sup> HUTCHEON, Linda. **A Poetics of Postmodernism**. Londres: Routledge, 1988.

<sup>19</sup> BAUDRILLARD, Jean. **L'illusion de la fin ou la greve des événements**. Paris: Galilee, 1992; FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992; VATTIMO, Gianni. **The End of Modernity: Nihilism and Hermeneutics in PostModern Culture**. Cambridge: Polity Press, 1988.

<sup>20</sup> EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

<sup>21</sup> CALLINICOS, Alex. **Against Postmodernism: A Marxist Critique**. Cambridge: Polity Press, 1989.

<sup>22</sup> LEMERT, Charles. **Pós-Modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Loyola, 2000.

<sup>23</sup> NORRIS, Christopher. **The Truth about Postmodernism**. Oxford: Blackwell, 1993.

<sup>24</sup> WOOD, Ellen. O que é a agenda pós-modernista? In: WOOD, Ellen; FOSTER, John. (Orgs.). **Em Defesa da História**. Marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999, p. 19.

<sup>25</sup> CARDOSO, Ciro. Começando o século 21. In: \_\_\_\_\_. **Um Historiador fala de Teoria e Metodologia**. Bauru: EDUSC, 2005.

responsáveis por essas definições evocam ideias de ironia, ruptura, diferença, descontinuidade, jogo, paródia, hiper-realidade e simulação. O pós-moderno tem sido, para alguns, a radicalização da arte moderna que levou à experimentação *avant-garde* a novos limites, e para outros a democratização dos estudos culturais que fez com que os críticos dessem tanta atenção e valor ao entretenimento popular quanto davam aos mestres antigos. Para outros, e são esses que nos interessam aqui, a arte e a cultura são apenas a superfície de transformações políticas, sociais e filosóficas profundas do mundo contemporâneo.

Um dos primeiros autores a empregar o termo pós-moderno foi o crítico literário americano Ihab Hassan, em 1971. Na segunda edição de seu livro **The Dismemberment of Orpheus: Toward a Postmodern Literature**, ele inseriu uma tabela das principais diferenças entre o modernismo e o pós-modernismo. Muitas das categorias que ele utiliza ainda hoje permanecem bastante controversas. Vejamos algumas delas:

Modernismo	Pós-modernismo
Forma (fechamento)	Anti-forma (abertura)
Propósito	Jogo
Hierarquia	Anarquia
Distância	Participação
Criação	Desconstrução
Presença	Ausência
Centralização	Dispersão
Semântica	Retórica
Profundidade	Superfície
Narrativa/ Grande História	Anti-narrativa/ <i>Petite histoire</i>
Causa	Diferença
Metafísica	Ironia
Determinação	Indeterminação

Lista problemática e incompleta. O próprio Hassan problematiza suas categorias alegando que as dicotomias representadas em sua tabela (bem mais extensa,

aqui fizemos uma seleção) são e serão sempre inexatas, já que as diferenças mudam e até colapsam, ao mesmo tempo em que abundam inversões e exceções nos dois casos. De forma geral, no entanto, os temas relativos ao modernismo são fechados e rígidos, enquanto os associados ao pós-modernismo são abertos. As dicotomias mostram outra característica do pós-modernismo, comentada mais acima, a integração e permeabilidade às várias disciplinas, portanto a tabela mistura categorias literárias, estilísticas e filosóficas.

Apesar das diferenças dos significados em cada área específica, o termo pós-moderno costuma ser empregado de duas formas: como pós-modernismo e como pós-modernidade. Essa distinção parece ser a fratura mais básica dentro de todo o fragmentado discurso pós-moderno. Geralmente, pós-modernismo tem sido usado para questões relativas a estilo e representação artística, enquanto pós-modernidade é empregado para determinar um contexto cultural específico ou um período histórico. Optamos, no entanto, por usar o termo pós-modernismo para caracterizar o conjunto do pensamento da pós-modernidade, entendida, portanto, como período histórico.

Um dos primeiros usos desta palavra ocorre na clássica obra de Toynbee **A Study of History**, publicada originalmente em 1954.<sup>26</sup> Ali ele define a pós-modernidade como uma época histórica que se inicia no último quarto do século XIX e se caracteriza por guerras quase contínuas. Se, para ele, a modernidade é o zênite do progresso e do desenvolvimento, a Pós-modernidade é um período de declínio no qual os conflitos grassam incessantemente e os projetos humanistas do Iluminismo são abandonados nos conflitos nacionalistas que marcam muito da primeira metade do século XX. Apresentar a Pós-modernidade como um período de crise associado ao declínio dos valores humanistas e iluministas é um gesto comum a outros pensadores, e bastante persuasivo. Como afirma Stuart Sim: “Em Toynbee temos uma visão da pós-modernidade como uma jornada em direção ao desconhecido na qual as antigas amarras culturais não mais se aplicam, e nossa segurança coletiva está potencialmente comprometida”.<sup>27</sup>

Muitas das diferentes ideias e perspectivas sobre o pós-modernismo e a pós-modernidade se desenvolvem a partir da noção de que uma série de transformações

---

<sup>26</sup> TOYNBEE, Arnold. **A Study of History**. Oxford University Press, 1954. p. 312.

<sup>27</sup> SIM, Stuart. **Irony and Crisis: A Critical History of Postmodern Culture**. Cambridge: Icon, 2002, p. 17.

fundamentais ocorreram no mundo durante o século XX, especialmente depois da Segunda Grande Guerra. De acordo com esses relatos, a pós-modernidade é uma formação social que se origina nos últimos anos do século XIX, dá seus primeiros passos entre os conflitos militares, econômicos e sociais que assustam a primeira metade do século XX, e se estabelece por volta da primeira metade deste século, substituindo a modernidade como a forma dominante de organização social e cultural. Tendências como a globalização, mudanças no poder colonial, o desenvolvimento de novas redes de comunicação e o colapso de crenças e tradições políticas e religiosas no mundo inteiro parecem apontar para uma cultura que rapidamente se tornou diferente daquela experimentada por gerações anteriores. A ameaça da obliteração de toda a existência, seja provocada por uma guerra nuclear ou uma catástrofe natural, pesou sobre as ideias do que é fazer parte de uma cultura ou sociedade, e até mesmo sobre o que significa ser humano, forçando re-conceituações de algumas das mais básicas categorias do pensamento filosófico, social e político.

De acordo com Best e Kellner, o mundo moderno – suas certezas e projetos – fraturou-se e está agora aberto a novas forças, possibilidades e ameaças, na forma de ideias agrupadas sob o nome de pós-moderno.<sup>28</sup> O resultado disso seria que o pós-moderno serviria para promover um “*ethos* cético que subestima o colapso de todos os paradigmas realistas ou representacionistas [...] e a necessidade de abandonar qualquer pensamento crítico sobre a injustiça social do ponto de vista da sociedade de classe”.<sup>29</sup>

Para outros, o pós-moderno marca o ponto no qual “a proliferação de intervenções e argumentos discursivos podem ocorrer e assim se tornar uma fonte de ativismo superior e um movimento libertador mais radical” conforme a teoria pós-moderna “radicaliza mais profundamente as possibilidades emancipatórias oferecidas pelo Iluminismo e pelo Marxismo”.<sup>30</sup>

Por conta do caráter multifacetado do pós-modernismo e a imensa produção bibliográfica sobre essa forma de pensamento, limitamo-nos à escolha de um autor que pensou o pós-modernismo e a pós-modernidade no âmbito da filosofia, sendo um dos

---

<sup>28</sup> BEST, Steven; KELLNER, Douglas. **The Postmodern Adventure: Science, Technology and Cultural Studies at the Third Millennium**. London: Routledge, 2011, p. 1.

<sup>29</sup> NORRIS, Christopher. **The Truth about Postmodernism**. Oxford: Blackwell, 1993, p. 23.

<sup>30</sup> LACLAU, Ernesto. Politics and the Limits of Modernity. In: ROSS, Andrew. (Ed.). **Universal Abandon? The Politics of Postmodernism**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988, p. 79-80.

primeiros intelectuais a tentar sistematizar o que seria este a que podemos chamar de paradigma.

## LYOTARD E A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

Jean-François Lyotard é um dos pensadores mais influentes da segunda metade do século XX. Sua obra mais conhecida, que será discutida aqui, **A Condição Pós-Moderna: um relato sobre o saber**,<sup>31</sup> publicada pela primeira vez em 1979, foi largamente discutida por expoentes de todas as áreas do conhecimento social e cultural. Este livro é um dos textos fundadores da teoria pós-moderna. Ali, em uma série de capítulos curtos, ele analisa o controle feito sobre o saber e o poder por governos, corporações e mercados internacionais.

Lyotard é, sobretudo, um filósofo político preocupado com as maneiras por meio das quais nossas vidas são organizadas e controladas pelas sociedades que habitamos. Embora nem sempre utilize o termo, principalmente em outros de seus textos,<sup>32</sup> a obra de Lyotard enfoca temas que agora são associados ao pós-modernismo. Como já tivemos a oportunidade de mencionar, este termo é comumente vinculado à perda de valores e crenças na sociedade atual, e à rejeição de parâmetros para julgar ou tomar decisões. O pós-moderno é frequentemente “castigado” por supostamente defender que, no pensamento contemporâneo, “vale tudo”, que os argumentos apresentados por alguém não são mais justos ou verdadeiros do que qualquer outro, e que o objetivo do pensamento é apenas experimentar ou satisfazer aquele que pensa. Essa versão do pós-modernismo, no entanto, é o anátema da filosofia de Lyotard. Em sentido análogo, a ideia de que, na pós-modernidade, a verdade e a justiça foram usurpadas por propaganda ideológica de superpoderes políticos e econômicos, e de corporações multinacionais, tendo, portanto, sua natureza transformada, é algo que

---

<sup>31</sup> A edição brasileira da obra não faz referência a seu subtítulo. Na verdade, apenas a edição mais recente, de 2004, passou a usar a tradução literal do título, sendo antes publicado com o nome de “O Pós-Moderno”. Por conta de considerarmos a tradução brasileira a qual temos acesso bastante deficiente, usaremos também como base uma edição em espanhol: LYOTARD, J-F. **La Condición Postmoderna: informe sobre el saber**. Madri: Cátedra, 1987; e uma em inglês: LYOTARD, J-F. **The Postmodern Condition: A Report on Knowledge**. Manchester: Manchester University Press, 1984. Infelizmente, não tivemos acesso ao original francês.

<sup>32</sup> A sistematização da filosofia de Lyotard sobre o pós-modernismo encontra-se sobretudo em dois de seus escritos mais antigos, além d’A Condição Pós-Moderna: LYOTARD, J-F.; THÉBAUD, Jean-Loup. **Au Juste: conversations**. Paris: Bourgois, 1979; e LYOTARD, J-F. **Le Différend**. Paris: Minuit, 1983.

Lyotard reconhece, mas combate ao longo de sua obra. Ele concorda que os critérios tradicionais de verdade e falsidade, certo e errado, bom e mau – entendidos como universais – são profundamente questionáveis. Mas não deixa de se perguntar a respeito do que significa, então, pensar e agir responsabilmente na ausência de regras absolutas e leis universais.

Para Lyotard, pensamento e ação devem se renovar constantemente. Portanto, não podemos dizer que exista um “sistema lyotardiano de pensamento” que possa ser aplicado como um instrumento a qualquer fenômeno cultural independentemente de suas diferenças. Ao contrário, o que sua filosofia incentiva é que se considere o que é único em cada evento, lutando continuamente para reinventar e inovar nossa análise sob a luz de novas informações, novos acontecimentos.

Dois termos são centrais para discutir a obra de Lyotard: Moderno e Pós-Moderno. Como já vimos, nenhum dos dois termos é de fácil definição, e não há qualquer consenso em torno de seus significados. Por isso é válido relatar brevemente algumas formas de seu emprego por outros pensadores.

Podemos dizer que, em boa parte dos casos, a Modernidade é vista como um período em que os homens começaram a se perceber de maneira diferente e, especialmente, passaram a se ver, e às suas comunidades, dentro de uma perspectiva de mudança, desenvolvimento, história. De acordo com Habermas, a Modernidade expressa a convicção de que o futuro já começou.<sup>33</sup> Em outras palavras, a Modernidade preocupa-se com o progresso, seja ele expresso no desenvolvimento de ideias e tecnologia, na geração de riqueza ou de justiça para todos. Entende a sociedade como um estado de constante fluxo, inovação e desenvolvimento conforme as mudanças no conhecimento e nas técnicas alteram as identidades e experiências de indivíduos e comunidades. Os sistemas de pensamento modernos procuram por respostas universais para as questões sociais. As respostas diferentes, encontradas por grupos diferentes, tornam-se a base de sistemas políticos e organizações que lutam pela supremacia.

O pós-modernismo poderia ser definido como um desafio a essa forma moderna de organização social. Atualmente as formas modernas de organizar o mundo e o conhecimento sobre ele não fazem mais sentido, e por isso precisam ser repensadas. Por exemplo, Jameson argumenta que desenvolvimentos recentes do capitalismo, como

---

<sup>33</sup> HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 7.

sua difusão internacional e sua substituição da organização industrial em fábricas pela troca virtual na Internet e pelas comunicações globais, significa que as maneiras de analisá-lo, desenvolvidas no século XIX por pensadores como Marx, devem passar por um processo de reconsideração.<sup>34</sup>

No final da década de 1970, Lyotard foi convidado pelo Conselho de Universidades do Governo Provincial de Quebec a escrever um relatório sobre o estado do conhecimento nas sociedades mais desenvolvidas no final do século XX. A proposta de tal relatório seria, em outras palavras, apresentar como as diferentes formas de conhecimento sobre o mundo – ciência, tecnologia, lei, o sistema universitário etc. – e as maneiras encontradas para lidar com ele são entendidas e avaliadas por estas sociedades. Embora muitos estudiosos se refiram a **A Condição Pós-Moderna** pela sua definição de pós-modernidade, as descrições da cultura e política contemporâneas também suscitaram muitos questionamentos. Os argumentos de Lyotard não podem ser ignorados, mas suas conclusões devem ser vistas de maneira crítica.

A afirmação mais citada e comentada da obra é sua definição do pós-modernismo como “a incredulidade em relação às metanarrativas”.<sup>35</sup> No entanto, para entender esta definição é necessário que analisemos a obra em seu conjunto.

O objetivo de Lyotard é descobrir tendências e relações subjacentes entre as diferentes fontes de saber, e de rastrear, da forma mais clara possível, o desenvolvimento do conhecimento nas sociedades ocidentais contemporâneas. O foco, para ele, é a natureza e o *status* do saber: o que ele significa, como é gerado, organizado e empregado nessas sociedades. Ou seja, **A Condição Pós-Moderna** é um relato sobre as maneiras como as sociedades “avançadas” lidam com a educação, a ciência, a tecnologia, a pesquisa e o desenvolvimento. Lyotard investiga que tipos de saber contam como válidos, como esse saber é comunicado, quem tem acesso a ele e para que ele é usado, quem determina e controla seu fluxo, e como ele dá forma a nossas vidas e experiência do mundo.

A questão central do livro é: como a vida e a identidade das pessoas é construída por estruturas contemporâneas de conhecimento? Essa pergunta é fundamental porque, segundo Lyotard, “o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em

---

<sup>34</sup> JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism**. Durham: Duke University Press, 1991, p. 17-44.

<sup>35</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. XVI.

que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna”.<sup>36</sup> Essa é a principal hipótese do livro. Seu objetivo é testá-la e descrever suas implicações.

O filósofo defende que as transformações nas comunicações que ocorreram desde a II Guerra Mundial, afetaram não apenas a forma como o saber é transmitido, mas também o estatuto desse saber. As mudanças na armazenagem e na própria comunicação estão transformando as maneiras como usamos e valorizamos o conhecimento. Isto é, no que Lyotard chama de condição pós-moderna, o conhecimento mudou.

Ele demonstra como o saber se tornou uma mercadoria que pode ser comprada e vendida no mercado, e é também a base de poder da sociedade. A competição global por poder agora seria travada como uma batalha por conhecimento, como antes se lutava por recursos tais como carvão e petróleo. Por outro lado, o autor defende que os Estados estariam começando a perder suas posições de poder no mundo como os elementos mais importantes na nova economia baseada no conhecimento. Corporações multinacionais como empresas de computação, companhias de petróleo e indústrias farmacêuticas estão substituindo os Estados como os principais “jogadores” conforme o saber se torna um produto.

Além disso, na condição pós-moderna, ciência e saber não estão separados de política e ética. As transformações no estatuto do conhecimento marcam igualmente transformações na natureza da sociedade e da experiência humana. O método que Lyotard escolhe para analisar as mudanças na organização do saber e da política que formam a condição pós-moderna se baseia na noção de “jogos de linguagem”, de Wittgenstein.<sup>37</sup> Mas, antes de passarmos ao uso do filósofo austríaco por Lyotard, concentremo-nos nas suas ideias sobre a legitimação do conhecimento.

Existem, de acordo com o francês, dois elementos fundamentais para o desenvolvimento do saber. O primeiro estaria relacionado ao fato de que os avanços da ciência têm amplas implicações para a sociedade que os geram. Toda a contenda a respeito da quebra de patente das medicações para o combate a AIDS na África do Sul,

---

<sup>36</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 3.

<sup>37</sup> Ibid., p. 15. A edição brasileira aqui trás “fatos de linguagem” e não “jogos de linguagem” como temos nas edições espanhola e americana e no próprio WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. New York: Macmillan, 1958, p. 50 *passim*.

durante o ano de 2001, deixam isso claro.<sup>38</sup> A pesquisa das empresas farmacêuticas está relacionada a questões financeiras, poder e sofrimento humano, e não apenas às descobertas científicas por si sós. Em termos gerais, isso indica que o avanço nas pesquisas pode influenciar outras áreas da política social, assim como da vida cotidiana de todos nós. O segundo elemento, por sua vez, diz respeito à existência de diferentes tipos de conhecimento operando na sociedade, que respondem a diferentes critérios de categorização como úteis ou verdadeiros e, portanto, devem ser examinados de formas diversas.<sup>39</sup>

Nesse sentido, Lyotard diferencia dois tipos principais de discursos: o saber científico e o saber narrativo. Ele afirma que “o saber científico não é todo o saber; ele sempre esteve ligado a seu conceito, em competição com uma outra espécie de saber que [...] chamaremos de narrativo”.<sup>40</sup> Lyotard define narrativa como as histórias que as comunidades contam a si mesmas para explicar sua existência atual, sua história e suas ambições para o futuro. Embora o termo “narrativa” seja comumente associado à ficção, todas as formas de discurso empregam narrativas para apresentar suas ideias.<sup>41</sup> A História, por exemplo, constrói narrativas sobre o passado.<sup>42</sup> Da mesma maneira, afirmações científicas são apresentadas por meio de tipos de narrativas que descrevem o mundo físico. Para explicar e justificar suas descobertas, até mesmo as ciências matemáticas são forçadas a verter suas equações em narrativas que mostram as consequências de suas descobertas. Assim, para Lyotard, a narrativa está na base da experiência e das sociedades humanas.

Logicamente, os diferentes tipos de narrativas usados em diferentes discursos seguem regras específicas. E aqui chegamos à ideia de Wittgenstein. Os vários discursos que formam os saberes de uma sociedade – a física, a literatura, as leis, as fofocas etc. –

---

<sup>38</sup> MALPAS, Simon. **The post-modern**. Routledge: Londres, 2005, p. 19-20. Em sua obra sobre a produção intelectual de Lyotard, Malpas utiliza esse exemplo no sentido de esclarecer as ideias do filósofo sobre a influência das ciências na sociedade.

<sup>39</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 12-13.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>41</sup> Seguindo essa ideia temos, por exemplo: FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2003; WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 2001; CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

<sup>42</sup> JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 23.

têm regras diferentes para estabelecer o que se entende como enunciados legítimos. Esses diferentes discursos e as regras que os constituem são os “jogos de linguagem”.<sup>43</sup>

Sendo assim, a linguagem é uma parte ativa da nossa experiência diária, usamos palavras para causar efeito nas pessoas e coisas ao nosso redor. Até mesmo o calar, ou seja, não dizer, deixar de falar sobre algo ou com alguém, surte efeitos dentro de determinadas situações ou relações. Assim, os vínculos sociais são compostos por “lances de linguagem”. Para Lyotard, a própria estrutura da sociedade é composta pelas afirmações ditas dentro desses jogos e de acordo com as regras que se desenvolvem para decidir se os lances são ou não legítimos. Desta forma, como jogos diferentes têm regras diferentes, sociedades particulares têm tipos diversos de leis, política e legitimação. Como sujeitos, vivemos dentro dessas séries de jogos linguísticos cujas diferentes regras nos tornam quem somos, construindo nossas identidades como sujeitos sociais e indivíduos.

A organização do saber na sociedade determina a identidade – a autoimagem, as ideias e a aspirações – das pessoas que a compõem. Mas como compreendemos a organização do saber? Como se relacionam os diferentes jogos de linguagem na sociedade? Porque sociedades diferentes têm formas específicas de organizar os jogos linguísticos que as constituem? Para Lyotard, a organização das narrativas e dos jogos de linguagem se dá pelas chamadas metanarrativas.

A metanarrativa estabelece as regras das narrativas e jogos de linguagem, e determina o sucesso ou fracasso de cada afirmativa (ou lance de linguagem) que se dá dentro deles. Lyotard apresenta alguns exemplos de metanarrativas e descreve as diversas maneiras nas quais estas organizam o saber. A base da modernidade é, para ele, um certo tipo de organização metanarrativa. Defende, seguindo esse postulado, que desde as mais antigas sociedades humanas até o presente, a narrativa foi a “forma por excelência desse saber”.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Lyotard faz três observações sobre os jogos de linguagem de Wittgenstein: 1) as regras do jogo de linguagem são “objetos de um contrato, explícito ou não, entre os jogadores”. O que significa dizer que as regras de um jogo linguístico particular, como a poesia ou a biologia, não são naturais, mas determinados por uma comunidade; 2) a “modificação, por mínima que seja, de uma regra, modifica a natureza do jogo [...], um enunciado que não satisfaça as regras, não pertence ao jogo definido por elas”; 3) “todo enunciado deve ser considerado como um ‘lance’ feito num jogo”. LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 17.

<sup>44</sup> Ibid., p. 37.

Para Lyotard, a modernidade define-se pela confiança nas “grandes narrativas” que buscam demonstrar o progresso humano. As metanarrativas da modernidade voltam-se para o futuro no qual todos os problemas da humanidade seriam resolvidos. Ele identifica dois tipos principais de metanarrativas modernas: a grande narrativa especulativa e a grande narrativa de emancipação.<sup>45</sup>

A ideia central da grande narrativa especulativa é a noção de que a vida humana progride conforme se acumulam conhecimentos. Todos os diferentes jogos de linguagem são reunidos pela filosofia para apresentar uma “história universal do espírito” humano.<sup>46</sup> Todo o conhecimento é, assim, relacionado em um sistema filosófico e, de acordo com Lyotard, “o verdadeiro saber é sempre um saber indireto, feito de enunciados recolhidos e incorporados às metanarrativas de um sujeito que assegura-lhe a legitimidade”.<sup>47</sup> Para a grande narrativa especulativa, todos os enunciados possíveis são reunidos sob uma metanarrativa, e sua verdade e valor são julgados de acordo com suas regras. Assim, o saber total é o objetivo da grande narrativa especulativa.

O outro tipo de metanarrativa moderna é a grande narrativa de emancipação. Ao contrário da grande narrativa especulativa, na qual o saber é um fim em si mesmo, esta vê o saber como meio para a liberdade humana. Para Lyotard, a grande narrativa de emancipação começa com a Revolução Francesa. Na França pós-revolução a idéia de educação universal era vista como uma forma de libertar todos os cidadãos do misticismo e da dominação. Nesse relato, o saber é a base que colocaria fim à opressão e os desenvolvimentos no saber são valorizados porque podem livrar a humanidade de seu sofrimento. O objetivo desse tipo de narrativa é a libertação de uma humanidade que se emanciparia do dogma, do misticismo, da exploração e do sofrimento.

Embora sejam diferentes, os dois tipos de grande narrativa têm pontos em comum, partilham de uma estrutura similar. Em ambas, todas as diferentes áreas do saber são reunidas para atingir um objetivo projetado no futuro, estando aí as respostas para os problemas da sociedade. Sob uma grande narrativa, todas as instituições sociais – leis, educação e tecnologia – combinam-se em prol de alcançar uma meta comum:

---

<sup>45</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 58-66.

<sup>46</sup> Ibid., p. 61.

<sup>47</sup> Ibid., p. 63.

conhecimento absoluto ou emancipação universal. O saber, assim, adquire uma vocação e um papel central para o bem maior.

No entanto, como aponta o autor, as transformações no saber que tomaram lugar nos últimos 50 anos (agora quase 80), colocaram em dúvida essas grandes narrativas. Hoje o conhecimento é organizado de outra maneira:

Na sociedade e na cultura contemporânea [...] a questão da legitimação do saber coloca-se em outros termos. A grande narrativa perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é conferido: narrativa especulativa, narrativa de emancipação.<sup>48</sup>

Portanto, na atualidade, o saber não é mais organizado no sentido de alcançar metas universais, mas passou a ser avaliado em termos de sua eficiência e lucratividade numa economia global de mercado. O que define a noção de pós-modernidade em Lyotard é essa transformação do saber marcada pela “incredulidade em relação às metanarrativas”.

A disseminação global do capitalismo e os rápidos desenvolvimentos da ciência e da tecnologia desde a Segunda Grande Guerra deram fim às grandes narrativas. O que fica claro em **A Condição Pós-Moderna**, é que o capitalismo transformou-se na força motora do saber, pesquisa e desenvolvimento na sociedade contemporânea: “Sua legitimação em matéria de justiça social e verdade científica seria a de otimizar as performances do sistema, sua eficácia”.<sup>49</sup> A busca pela eficiência está no cerne do capitalismo: o objetivo da pesquisa e do desenvolvimento é fazer com que a produção se torne mais barata e rápida para maximizar o potencial de lucro.

De acordo com o filósofo, o crescimento incansável do capitalismo destruiu os laços sociais tradicionais que ligam toda a humanidade nas grandes narrativas de progresso. A verdade, base da grande narrativa especulativa, e a justiça, objetivo da grande narrativa de emancipação, não têm mais o apelo universal que tinham para a modernidade. Isso fundamentalmente modifica a natureza e o estatuto do saber na sociedade contemporânea:

Nesta disseminação dos jogos de linguagem, é o próprio sujeito social que parece dissolver-se. O vínculo social é lingüístico, mas ele não é constituído de uma única fibra. É uma tessitura onde se cruzam pelo

---

<sup>48</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 69.

<sup>49</sup> Ibid., p. XVI.

menos dois tipos, na realidade um número indeterminado, de jogos de linguagem que obedecem a regras diferentes.<sup>50</sup>

Com o fim (ou crise) das grandes narrativas, não há mais uma identidade unificadora para o sujeito ou a sociedade. Em vez disso, os indivíduos são o *locus* onde códigos políticos e morais conflitantes se cruzam e o vínculo social está fragmentado.

Diante da fragmentação da sociedade e da ruptura simultânea das formas tradicionais de justiça, cultura e identidade, existem duas respostas possíveis. A primeira é a abordagem proposta por Jürgen Habermas. Ele vê a modernidade como um projeto incompleto e pretende avançar seus objetivos superando a desintegração da sociedade contemporânea. Isso deve ser feito por meio da busca pelo consenso, por meio da negociação, entre os diferentes jogos de linguagem.<sup>51</sup>

O objetivo de Lyotard, no entanto, pode ser considerado o oposto do de Habermas. Ele entende as grandes narrativas como sempre tendo sido problemáticas. Por exemplo, as ideias universais de razão e libertação da superstição deram fundamento moral para a dominação colonial por meio da expansão capitalista e de um “terrorismo missionário” na África e no Oriente Médio.<sup>52</sup> Ele defende, por isso, que a melhor maneira de resistir à globalização capitalista é aumentando a fragmentação dos jogos de linguagem. Como estes são ligados à identidade, Lyotard acredita que, quanto maior a amplitude de diferentes jogos de linguagem considerados legítimos dentro da sociedade, mais aberta e pluralista ela será. A maior ameaça para a sociedade pós-moderna seria, segundo ele, a redução do saber a um sistema único cujo único critério é a eficácia.<sup>53</sup>

Não obstante, aos olhos de Lyotard, a pós-modernidade não é uma condição sem esperança. Embora, claro, ele não proponha uma nova grande narrativa que substitua as modernas, o que ele parece sugerir no fim de sua obra é o fato de que o sistema capitalista conteria as sementes da sua própria destruição. Ainda que não seja mais possível um consenso universal, “a justiça, porém, não o é. É preciso, então, chegar a uma ideia e a uma prática da justiça que não seja relacionada à do consenso”.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 73.

<sup>51</sup> HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

<sup>52</sup> LYOTARD, 1993 op. cit. p. 165-323.

<sup>53</sup> Ibid., p. 111-120.

<sup>54</sup> Ibid., p. 118.

Essa prática enfoca as “pequenas narrativas” individuais e suas diferenças, o fato de que nem todas são redutíveis ao critério de desempenho, eficácia. Uma vez que Lyotard defende que as grandes narrativas caíram, ficamos apenas com a enorme variedade de jogos de linguagem. Portanto, o objetivo da crítica pós-moderna deveria ser fazer justiça a eles, levando a que sejam ouvidos em seus próprios termos.

Como modelo para essa crítica, Lyotard lembra que a ciência tem o potencial de transformar o saber, que pode se legitimar por meio da paralogia. Ou seja, a forma como um lance de linguagem tem o poder de quebrar as regras de um jogo existente de tal forma que um novo jogo deve ser desenvolvido.

O “poder que desestabiliza a capacidade de explicação”<sup>55</sup> é central para o pensamento de Lyotard. Os sistemas de conhecimento, como a grande narrativa especulativa ou o capitalismo internacional, estão sempre abertos a críticas perturbadoras, sendo o dever do pensador pós-moderno, desestabilizar esses sistemas.

Em síntese, em **A Condição Pós-Moderna**, Lyotard examina as formas em que a natureza e o estatuto do saber mudaram o mundo contemporâneo. O tipo de grande narrativa que costumava organizar o conhecimento, categorizar sua utilidade e valor para a humanidade e dirigi-la para seu objetivo – o progresso – perdeu seu poder no mundo pós-moderno. O que permanece como princípio organizador são os critérios de eficiência e lucro propagados pelos mercados globais capitalistas. Com o objetivo de validar sua hipótese, Lyotard, aplica o método que tem como base a ideia de jogos de linguagem e metanarrativas para analisar o saber. Ao invés de reduzir tudo a questões de eficácia e lucro, Lyotard defende a importância de que se respeite as diferenças entre os jogos de linguagem e, portanto, o papel fundamental que tem a resistência à sistemas universais de organização. Para conquistar o poder de resistir, é necessário lutar pela paralogia dentro do sistema, e não criar uma nova grande narrativa que pode homogeneizar os jogos de linguagem.

Assim, ao considerarmos a História como forma de saber de acordo com a ótica lyotardiana, esta não deveria se prestar à pura manutenção do sistema capitalista. Aplicando as ideias de Lyotard, podemos entender a História como forjadora de novas regras de linguagem que objetivem uma perspectiva crítica das sociedades passadas e a configuração de identidades mais precisas, no sentido de romperem com as

---

<sup>55</sup> LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 112.

metanarrativas tradicionais. Desta forma, a História seria, como saber, um agente da própria transformação histórica.

Ao resgatarmos as características do pós-modernismo colocadas por Hassan, aplicando-as à História, e as cruzarmos com o pensamento de Lyotard, a retórica, por exemplo, estaria à serviço não do mascarar ou esvaziar dos sentidos dos processos históricos, mas do estabelecimento de meios pelos quais se possa conferir novos significados a estes processos, valendo-se de instrumentos linguísticos mais atraentes e de uma argumentação mais sólida. Esta argumentação mais sólida, por sua vez, erige-se necessariamente por meio da desconstrução das metanarrativas, valorizando a *petite histoire*, a dispersão, a diferença como maneira de transformar as regras dos jogos de linguagem. Isso garantiria a resistência ao caráter acachapante do capitalismo contemporâneo ao qual alude Lyotard.

Para pensadores como Cardoso, Norris e Eagleton, o pós-modernismo é, em síntese, um grande engano, em especial porque retiraria aos saberes, e à História particularmente, sua capacidade crítica e transformadora. Ora, ao analisarmos o que é esta condição pós-moderna para Lyotard, percebemos que a História não perderia estas capacidades, mas as enfatizaria. Defendemos, portanto, que ao menos no que se refere ao autor aqui analisado, o pós-modernismo não impossibilita o fazer histórico como ciência, nem o torna insustentável epistemologicamente, e sim confere-lhe o poder de mudar as regras do jogo.

**ARTIGO RECEBIDO EM 10/01/2014. PARECER DADO EM 15/04/2014**